



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Pereira Braz, Marcela; Auxiliadora Dessen, Maria; Pereira Silva, Nara Liana
Relações Conjugais e Parentais: Uma Comparação entre Famílias de Classes Sociais Baixa e Média
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 18, núm. 2, maio-agosto, 2005, pp. 151-161
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18818202>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Relações Conjugais e Parentais: Uma Comparação entre Famílias de Classes Média e Baixa

Marcela Pereira Braz¹
Maria Auxiliadora Dessen²
Nara Liana Pereira Silva
Universidade de Brasília

Resumo

É importante estudar as inter-relações entre as relações parentais e maritais para a compreensão do desenvolvimento das crianças. O objetivo deste estudo é descrever aspectos da qualidade das relações parentais e maritais de 14 famílias compostas por pai, mãe e criança-alvo na faixa etária de 4-5 anos. Um questionário sobre dados sócio-demográficos, divisão de vida e divisão de tarefas domésticas foi respondido pelas mães e uma entrevista semi-estruturada foi conduzida com pais e mães, incluindo questões sobre satisfação marital, conflito, coalizão, valores e crenças sobre casamento e educação das crianças. Os resultados indicam que uma boa relação marital favorece o compartilhamento de tarefas domésticas e a promoção de sentimentos de segurança em suas crianças. A discussão é baseada nas diferenças entre as influências mútuas entre as relações maritais e parentais, levando em consideração as similaridades entre famílias de classes média e baixa.

Palavras-chave: Relações conjugais; relações parentais; crianças pré-escolares; família.

Marital and Parental Relationships: A Comparison of Middle and Working Class Families

Abstract

It is important to study the interrelatedness between marital and parental relationships in order to understand child development. Therefore, this study aims to describe aspects of the quality of marital and parental relationships in 14 families composed of father, mother, and target preschool children at the age of 4-5 years. A questionnaire on social-demographic data, family structure, lifestyles, and division of life and division of domestic tasks was answered by mothers and a semi-structured interview was conducted with mothers and fathers, separately, including questions on marital satisfaction, conflict, coalition, values and beliefs on marriage and parenting, and their influence on parents-child interactions. The results indicate that a good marital relationship favors the sharing of domestic tasks and promotes feelings of security in their children. The discussion is based on the differences between working and middle class families in terms of mutual influences between marital and parental relationships, taking into consideration the similarities between both kinds of relationships.

Keywords: Marital relationships; parental relationships; preschool children; family.

Há consenso na literatura sobre a existência de uma forte correlação entre a qualidade das relações conjugais e parentais (Belsky, 1981, 1984; Brody, Pellegrini & Sigel, 1986; Erel & Burman, 1995; Gottman, 1993, 1998; Kreppner & Ullrich, 1998). O relacionamento marital tem sido apontado, recentemente, como um fator preponderante para a qualidade de vida das famílias, particularmente no que tange às relações que pais e mães mantêm com suas crianças. O ajustamento conjugal, as formas de comunicação e as estratégias de resolução de conflitos empregadas pelo casal influenciam o desenvolvimento de padrões de cuidado dos filhos e a qualidade das

relações conjugais e parentais (Gottman, 1993). Estudos mostram que a qualidade das relações conjugais e parentais influencia o desenvolvimento das crianças, sendo que a qualidade das relações conjugais é um fator preponderante para a qualidade de vida das famílias, particularmente no que tange às relações que pais e mães mantêm com suas crianças. A discussão é baseada nas diferenças entre as influências mútuas entre as relações maritais e parentais, levando em consideração as similaridades entre famílias de classes média e baixa.

Richters & Wilson, 1988; Sroufe & Fleeson, 1988). Brody e colaboradores (1986) realizaram uma pesquisa para examinar a associação entre a qualidade das relações maritais e as interações dos genitores com suas crianças de idade escolar. Para os autores, os cônjuges que ofereciam suporte mútuo e cujas relações maritais eram satisfatórias apresentavam maior sensibilidade em seu papel parental que os cônjuges cujas relações eram insatisfatórias. Os genitores, por sua vez, mantinham interações também satisfatórias com seus filhos e estes eram igualmente responsivos ao pai e à mãe. Entretanto, as mães insatisfeitas tendiam a compensar seus filhos, sendo mais responsivas e demandando mais de suas crianças; já os pais emitiam comportamentos mais negativos e intrusivos em relação aos filhos, tendo, portanto, pais e mães reações diferentes em relação às suas crianças. Em contraposição a isto, os cônjuges satisfeitos tendiam a mostrar coerência entre si e em relação aos seus filhos.

Goldberg e Easterbrooks (1984), investigando a importância da qualidade das relações maritais para as atitudes e comportamentos parentais e para o desenvolvimento de crianças pequenas em famílias com dois genitores, concluíram que o ajustamento e a harmonia do casal tinham efeitos no comportamento da criança. Nesse estudo, a harmonia marital estava associada com afeto positivo e com boa orientação por parte dos genitores durante atividades de resolução de tarefa. Já, a satisfação conjugal estava associada com relações de apego seguro entre os genitores e sua criança, enquanto que relações parentais inseguras predominavam entre cônjuges com ajustamento marital fraco. Os autores mostraram que tanto os efeitos diretos (Ex.: ajustamento conjugal do marido influenciando seu modo de ser pai), quanto os indiretos (Ex.: satisfação marital da esposa e sua influência na maneira de seu marido ser pai) estavam associados ao funcionamento conjugal, às atitudes, às percepções e aos comportamentos parentais.

Gottman e Katz (1989), por sua vez, mostraram uma clara associação entre a discórdia marital e a saúde física da criança e suas relações com seus pares. O estresse marital pode dificultar o desenvolvimento das relações sociais da criança e aumentar sua susceptibilidade a doenças físicas. Ao interagir com a criança, ensinando uma tarefa, os genitores que apresentavam insatisfação conjugal e tinham uma defesa fisiológica abaixo do esperado caracterizavam-se por um estilo parental frio, não responsivo e irritadico. Este estilo de

maridos e esposas, o que dá suporte a relação de qualidade, isto é, casamentos 'bons' estão ligados à sensibilidade parental e casamentos 'ruins', à insensibilidade dos genitores e, conseqüentemente, a um desenvolvimento emocional ou mal ajustado, respectivamente. A influência das relações parentais vêm sendo destacada tanto no desenvolvimento familiar, como na clínica (Bigelow, 1984; Bond & McMahon, 1984; Carter & McGoldrick, 1999; Fincham, & Cummings, 1992; Erel & Burman, 1995, 1998; Grych & Fincham, 1990; Heavey, Shenk & Siqueira, Ribeiro & Duarte, 1999).

A meta-análise conduzida por Erel e Burman (1995) verificou a existência de duas grandes hipóteses que associam a qualidade das relações parentais. A primeira hipótese é a de que existe uma relação positiva entre ambos os tipos de relação. Nesta hipótese, uma relação marital negativa ou conflituosa provoca irritabilidade emocional nos cônjuges, o que influencia os seus comportamentos como genitores, tornando-os menos atenciosos com suas crianças. O contrário também é verdadeiro: uma relação conjugal satisfatória oferece suporte aos cônjuges, facilitando a manutenção de uma relação positiva com seus filhos. A segunda hipótese, em que a correlação é negativa ou não significativa, sugere que um casamento estressante, por exemplo, pode aumentar a tendência dos pais à criança como uma forma de compensar a insatisfação na relação conjugal como a exposição da criança à violência marital. Cônjuges insatisfeitos em suas necessidades de intimidade buscam satisfazê-las na relação com a criança. No mesmo sentido, uma relação conjugal satisfatória pode resultar em uma relação parental ruim, pois, nesse caso, a criança pode se tornar um empecilho à intimidade do casal.

Segundo Erel e Burman (1995), há fortes evidências que favorecem a hipótese positiva em contraposição à hipótese negativa ou compensatória. A primeira suposição está baseada em dois questionamentos básicos: a) dificilmente uma relação verdadeiramente satisfatória entre pais e filhos existe tendo o casal uma relação conjugal insatisfatória; b) uma aliança positiva entre um dos genitores e a criança não provocaria interações negativas ou conflituosas entre o genitor e seu filho, conduzindo a dificuldades nas relações conjugais e parentais. Os autores sugerem que pesquisas futuras examinem a correlação entre as relações

aspectos da inter-relação entre ambos os tipos de relação. Dentre as dimensões, destacamos: a) aspectos demográficos e estrutura familiar; b) qualidade das interações marido-esposa, mãe-criança e pai-criança e das interações estabelecidas pela criança fora do contexto familiar; c) valores, crenças e expectativas parentais sobre o desenvolvimento e a educação dos filhos e sobre as estratégias de socialização empregadas pelos genitores; d) coalizão marital, conflito, satisfação conjugal e valores dos cônjuges sobre o casamento; e, e) interferência dos filhos na relação conjugal e influência da relação conjugal nas relações parentais e, conseqüentemente, no desenvolvimento social dos filhos.

Método

Participantes

Participaram do estudo 14 famílias compostas por pai, mãe e crianças pré-escolares, sendo 7 provenientes de classe social baixa e 7 de classe média. A maioria das famílias (85,7%) residia em cidades satélites do Distrito Federal. A classe social foi definida pelo nível de escolaridade e ocupação dos genitores, renda familiar e local de moradia das famílias. As de classe baixa residiam nas cidades satélites de Planaltina ($n=5$) e Ceilândia ($n=2$) e as de classe média em Taguatinga ($n=5$) e no Plano Piloto ($n=2$). A idade média das crianças alvo era de 5 anos e 5 meses, sendo a maioria (71,5%) do sexo masculino. Todas as crianças freqüentavam a pré-escola, com exceção de uma. As 14 famílias possuíam um total de 35 filhos, 18 (51,4%) do sexo masculino e 17 (48,6%) do sexo feminino.

Os genitores, em sua maioria (64,3%), eram casados legalmente; os demais (35,7%) moravam juntos. O tempo de convivência dos cônjuges (71,6%) variava de 5 a 15 anos. A idade média das mães era de 32 anos e 4 meses e a dos pais de 36 anos e 3 meses. O nível de escolaridade dos genitores variou de acordo com a classe sócio-econômica. A quase totalidade de pais e mães de classe social baixa ($n=13$) possuía o ensino fundamental incompleto, com apenas um deles tendo concluído o ensino médio. Dentre os genitores de classe social média, a metade ($n=7$) havia completado o ensino médio, 3 deles o ensino superior e outros 3 estavam ainda cursando o ensino superior. Apenas um pai havia concluído seus estudos pós-graduados. Metade dos participantes trabalhava 8 horas diárias.

As ocupações dos pais eram: militar ($n=3$), bancário ($n=1$), técnico judiciário ($n=1$), técnico administrativo ($n=1$), técnico

Procedimentos

A coleta de dados foi efetuada com as famílias, consistindo da aplicação de um questionário demográfico desenvolvido por De la Cruz (1997) para caracterizar a estrutura e os membros da família. Os pais responderam questões sobre idade, escolaridade, ocupação e estado civil dos genitores. Os filhos fizeram a identificação dos responsáveis pelos cuidados com a criança, de acordo com a entrevista semi-estruturada foi aplicada separadamente, com duração aproximada de 15 minutos para cada uma. Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas, na íntegra. Foram avaliadas as dimensões⁴: a) questões relacionais; b) aspectos da relação parental; c) aspectos da relação entre a criança e os pais; d) a inter-relação entre a relação conjugal e a parental.

O questionário de caracterização foi aplicado a todas as famílias e, para as questões abertas, foram desenvolvidas perguntas com base nas respostas fornecidas pelos pais. A análise das entrevistas foi realizada em três etapas: a) transcrição das fitas de áudio; b) desenvolvimento de categorias de análise; c) tabulação dos dados, de acordo com o plano de análise. Isto é, após a transcrição das fitas, foi realizada a análise de categorias que foi revisado e teoricamente eliminado ou reformulado as categorias que não eram apropriadas. Este procedimento foi considerado o sistema definitivo. Os dados das entrevistas foram analisados segundo a classe social e o relato de cada participante.

Resultados

Os resultados são descritos em duas partes. Na primeira, apresentamos uma caracterização das famílias, destacando as peculiaridades de vida peculiares a ambos os tipos de famílias e os principais eventos ocorridos por elas. Na segunda, em seguida, descrevemos aspectos da vida familiar, com destaque para a percepção dos genitores sobre a criança alvo e aos seus valores e crenças, a relação dos filhos e dos papéis de 'pai' e 'mãe'. Na terceira parte, enfatizamos a percepção de cada genitor sobre a relação conjugal e de suas crenças e valores em relação ao desenvolvimento social dos filhos.

os genitores trabalham fora, o cuidado dos filhos fica sob a responsabilidade das mães, embora 27% delas recorram à ajuda de tios ou tias da criança e 21% aos serviços de empregadas domésticas. Este elevado engajamento ocorre também em relação aos afazeres domésticos, como arrumar a casa, cozinhar, lavar e passar roupas, fazer compras e orientar empregada doméstica. As mães de classe baixa lavam e passam roupa mais que as mães de classe média, enquanto que estas fazem mais compras que as primeiras (ver Figura 1).

É interessante destacar que 71% das mães de classe baixa trabalham fora de casa, em contraposição ao mesmo percentual de mães de classe média que não trabalham, embora, conforme depreendido pela Figura 1, as mães de classe baixa se envolvam em afazeres domésticos mais intensamente que as mães de classe média, que contam com a ajuda de empregadas domésticas, que executam grande parte dos afazeres. Já a participação dos pais é menor que a das mães e, no caso dos pais de classe média, também é menor que o engajamento de outras pessoas. Dentre as atividades mais realizadas pelos pais, destacam-se: levar as crianças para atividades de lazer e fazer compras.

Em relação aos principais eventos ocorridos, a maior parte das famílias (64%) relatou ter passado por algum tipo de

dificuldade financeira, particularmente as famílias de baixa renda (78%), em contraposição às de classe média (22%). Os pais de famílias de baixa renda foram associados a quatro motivos para a violência: baixa renda insuficiente, dívidas e doenças. Os genitores de famílias de classe média (36%) foram mais acometidos de desemprego, baixa renda (22%) e um número maior de pais (36%) e mães (40%) ficou desempregado, em algum momento da vida das famílias. Quanto à existência de violência doméstica, as mães (79%) relataram a ocorrência de atos de violência física, psicológica e econômica, predominantemente, sem agressões físicas. Apenas uma mãe relatou haver violência física durante as situações de conflito.

Para pouco mais da metade das mães (57%), pelos membros familiares ocorria apenas em festas e reuniões de família. Apenas um pai relatou acarretando problemas para a família. Os problemas ou prisão ocorreram em duas famílias (14%), social, e os envolvidos não eram membros da família. A Figura 2 apresenta os principais eventos da trajetória do grupo familiar decorrentes de traumas e não-normativas, por classe social.

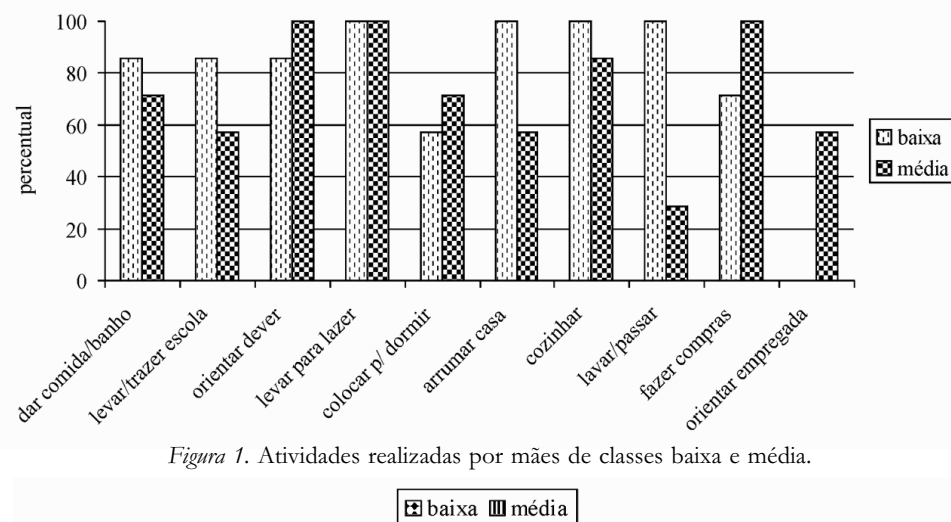


Figura 1. Atividades realizadas por mães de classes baixa e média.

As Relações Parentais

Como os genitores percebem o desenvolvimento de suas crianças?

A maioria dos genitores (86%) relatou que suas crianças apresentavam desenvolvimento 'normal', 'tranquilo', 'sem maiores problemas'; porém, 11% dos genitores de classe média acreditavam que seus filhos tinham um desempenho global acima da média e uma mãe (4%) de classe baixa mencionou que o desempenho de sua criança estava abaixo de suas expectativas. Setenta e cinco por cento dos genitores acreditam que suas crianças são bem-humoradas, isto é, 'calmas', 'tranquilas', 'brincalhonas', 'alegres'; 14% percebem seus filhos como sendo 'mal-humorados', 'irritadiços' e 'emburrados'; e 11% não fizeram referência ao estado de humor das crianças. A 'afetividade' e a 'sociabilidade' (39%), a 'passividade/obediência' (27%) e a 'teimosia/desobediência' (29%) das crianças alvo foram as características emocionais e comportamentais mais ressaltadas. Alguns pais e mães também mencionaram a 'inteligência/criatividade' (25%), a 'manha' (18%), a 'dedicação ao estudo' (14%), o 'isolamento social' (11%), a 'agressividade' (11%), a 'educação/bom comportamento' (11%), a 'independência' (7%), a 'dependência' (4%) e a ' vaidade' (4%) como características próprias de seus filhos.

Os genitores das duas classes sociais descreveram o relacionamento social de suas crianças de forma diferenciada. Dos 18 que caracterizaram as interações da criança com a mãe como sendo amistosas, 12 eram de classe média e seis de classe baixa. Nove genitores de classe média mencionou a afetividade de seus filhos nas interações com as pessoas em geral, mas apenas dois de classe baixa apresentaram relatos similares. Os pais e as mães pensam diferente sobre o relacionamento fraterno. A maioria das mães (57%) acredita que as crianças estabelecem interações afetivas positivas com os irmãos, mas somente 21% dos pais pensam da mesma maneira.

Que valores os genitores transmitem às suas crianças e quais são suas expectativas quanto ao futuro dos filhos?

Os valores relativos à conformidade⁵ mais relatados pelos genitores foram: 'educação/boas maneiras' (50%), 'respeito' aos mais velhos e às pessoas em geral (46%), 'valores morais' (39%) e 'obediência' (32%). A 'afetividade' (36%), seguida pela 'justiça', 'religiosidade' e 'honestidade' (18%) foram os valores humanitários mais referidos. A 'sociabilidade' (32%) foi destacada dentre os valores relativos à 'autonomia'; os demais – 'autoconfiança', 'competitividade' e 'capacidade' para gerir bens materiais e dinheiro – tiveram apenas uma ocorrência cada.

interpessoais (36%) e a aquisição de valores (36%). As dimensões mencionadas pelos genitores de classe média (79%) esperam que seus filhos sejam felizes e que se sintam satisfeitos com a vida. Os pais e mães de classe média e baixa esperam que seus filhos sejam afetivos, apenas 14% das mães de classe média e baixa consideram esta característica como esperada para os filhos. Os pais de classe baixa, ser estudioso (43%), honesto e respeitador (43%) são as características mais esperadas para os filhos, no futuro.

Quais são as estratégias de socialização?

Os genitores utilizam, basicamente, duas estratégias para socializar seus filhos: a) as de 'correção' que fazem algo considerado incorreto; b) as de 'reforço' que não fazem nada diante do comportamento considerado correto ou incorreto. Os pais e mães de classe média e baixa diferem quanto ao uso das estratégias de socialização de suas crianças. Dentre as estratégias de socialização, a classe média utiliza mais punição física (43%), inibição da liberdade (14%) e o uso de estratégias 'neutras' foram mais utilizadas pela classe baixa (71%). O oferecimento de recompensas e o uso de estratégias 'neutras' foram mais utilizados pela classe média e um de classe baixa.

Pais e mães também apresentam diferenças nas estratégias de socialização de suas crianças. Os pais utilizam mais punição verbal que as mães. Os pais negam a liberdade (50%) e negam algo desobediente (28%; 0%, respectivamente). A liberdade sobre a criança alvo é exercida tanto pelos pais (95%) e, eventualmente, pela mãe (57%).

O que é ser um 'bom' pai e uma 'boa' mãe na criação de filhos?

Três grandes grupos de valores foram identificados: 'boa' mãe, segundo os genitores: a) valores de afetividade, a bondade e o suprir as necessidades da personalidade e conduta, que in-

os de classe baixa, acreditam que a afetividade (57%) e a habilidade da mãe para disciplinar, impor limites e corrigir os erros (50%) dos filhos são as características mais importantes em uma 'boa' mãe. Na opinião das mães, orientar e educar (64%) e ser afetiva (57%) e participativa (50%) fazem parte do papel de uma 'boa' mãe; para os pais, o aspecto mais importante é a afetividade (64%) materna.

Os genitores acreditam que uma 'boa' educação deve privilegiar, primeiramente, o acesso à educação informal (64%), ou seja, pais e mães devem acompanhar, conduzir, orientar e preparar seus filhos para a vida. Em segundo lugar, eles consideram importante usar estratégias disciplinares (54%), manter um bom relacionamento entre genitores e filhos (39%) e transmitir valores morais (39%), indicando noções de certo e errado.

Uma 'má' criação de filhos é caracterizada pela ausência e/ou pelo uso inadequado de estratégias disciplinares, ou seja, não corrigir erros e não impor limites ou regras aos filhos é uma prática condenada pela maioria dos genitores (57%). Não transmitir valores morais (39%), não dar acesso à educação informal (29%), não ensinar a criança a ser obediente (25%), independente (11%) e competitiva (7%), não demonstrar afeto (22%), não proporcionar uma boa relação genitores-criança (18%), não dar suporte emocional (7%), não manter um bom relacionamento conjugal (7%) e não facilitar o acesso à educação formal (7%) são todas formas inadequadas de educar filhos, de acordo com os entrevistados.

Para alguns genitores de classe média, não ensinar os filhos a se tornarem independentes (21%) e competitivos (14%) constitui uma grande falha na educação, embora nenhum genitor de classe baixa tenha mencionado tais valores. A maioria dos genitores desta classe social (71%) considera inadequada uma educação de filhos em que não haja a transmissão de valores morais, opinião expressa por apenas um (7%) pai de classe média. Comparando os relatos de pais e mães, verificou-se que, para alguns pais (29%), não manter um bom relacionamento com as crianças pode ser prejudicial a elas, mas somente 7% das mães pensam de forma semelhante; para estas (43%), não ensinar os filhos a serem obedientes é uma prática inadequada,

enquanto que apenas 7% dos pais consideram importante.

Mães e pais concordam ou discordam acerca da educação?


Os cônjuges concordam que é necessário dar suporte emocional (57%), formal (57%), orientar e disciplinar as crianças (57%), prestar suporte emocional (21%), manter um bom relacionamento familiar (21%) e prover o sustento material (7%) para os filhos. Quanto ao papel dos filhos, alguns casais concordam com a necessidade de os filhos terem independência e serem honestos, responsáveis e respeitadores dos valores morais e religiosos (11%).

As discordâncias entre os cônjuges referem-se à socialização (75%) e às práticas parentais relativas à educação dos filhos. A punição física e/ou verbal das crianças, o excesso de rigidez ou de flexibilidade (46%), e a falta de reforçadores primários aos filhos, como presentes, constituem os principais motivos de discordância. Entre os 28 entrevistados, cinco relataram não existir divergências com seus respectivos cônjuges sobre a educação de seus filhos.

As Relações Conjugais

Como os casais percebem a ligação com seus parceiros?

À questão "Você acha que você e seu(sua) parceiro(a) trabalham com o outro de modo a formarem um 'caso'?", a maioria dos cônjuges (82%) respondeu que formam um caso com seus respectivos parceiros; 11% consideram que não formam com seus cônjuges a ponto de se perceberem como uma unidade integrada; e 7% disseram que, às vezes, combinam e às vezes não. Dentre os que responderam à pergunta, 30% consideram a coalizão completa, ou seja, acham que existe afinidade entre eles e seus cônjuges não em sua totalidade. A maioria das mães (86%) acredita que existe coalizão marital entre elas e seus respectivos parceiros.

 afetividade	 bondade	 suporte emocional	 honestidade
 submissão	 participação	 suporte material	 responsável filhos/tarefas
 disciplina	 orientação		

Os casais estão satisfeitos ou insatisfeitos com suas relações conjugais?

A maioria dos cônjuges está satisfeita com seus relacionamentos maritais e os consideram bons ou ótimos (75%), embora, para 18% deles, as relações sejam consideradas regulares. Há mais cônjuges de classe média (79%) satisfeitos com suas relações maritais que de classe baixa (64%). Um maior número de entrevistados da classe baixa (29%) considera suas relações regulares ou médias, comparados aos de classe média (7%).

Os cônjuges consideram-se satisfeitos, primeiramente, por haver compromisso, respeito e envolvimento em suas relações (55%); depois pela intimidade (40%), ou seja, cumplicidade, confiança mútua, possibilidade de auto-revelação, confidência; e também pela similaridade (40%) ou homogeneidade de objetivos, pensamentos, valores e práticas existentes entre o casal. Os cônjuges de classe média explicam a sua satisfação no casamento com base no compromisso (82%), na intimidade (64%), na similaridade (54%), nas trocas afetivas (45%) e na negociação (45%). Já os de classe baixa pela ausência de conflitos e brigas (55%) entre o casal.

A responsabilidade pela satisfação ou insatisfação conjugal foi atribuída aos próprios membros do subsistema conjugal, de acordo com a maioria dos entrevistados (86%). Todos os de classe média e 71% dos de classe baixa acreditam que o marido e a esposa, juntos, contribuem para a qualidade da relação marital. A qualidade do relacionamento marital também foi atribuída a outros membros familiares (14%), tais como os filhos e os genitores do respondente, e a fatores externos à família (14%), destacando 'Deus' como o principal responsável.

O que é considerado positivo e o que incomoda no relacionamento conjugal?

Os pontos positivos relatados referem-se a dimensões de qualidade da própria relação conjugal (71%), tais como intimidade, trocas afetivas, compromisso, respeito e envolvimento. Além destes, foram relatados os seguintes aspectos: negociação e equilíbrio nas concessões mútuas (25%), similaridade de objetivos, pensamentos, valores e práticas (14%); ausência de conflitos, brigas e/ou ciúmes (11%); e satisfação nas relações sexuais (4%). Características comportamentais e de personalidade positivas do cônjuge foram

relatadas por 14% dos entrevistados e mães e entre as classes sociais pod

A maioria dos cônjuges (75%) aspectos pessoais do compani específicos do relacionamento fa divisão de trabalho doméstico e com o tipo de relacionamento se administrar o orçamento familiar. Os entrevistados (25%), a maioria incomoda na sua relação conjuga

O que acontece quando os casais se de acreditam que seu casamento vai durar

Quando ocorre atrito entre o cas negativa ou positiva. A maioria dos negativas nestas ocasiões: discute o reclamando (79%), e demonstra afet aborrecimento, nervosismo, com retraindo (68%), permanecendo se O diálogo foi a única reação conside mencionadas pelos entrevistados, co procurar dialogar e conversar sobr provoca conflito, visando encont amenizar a dificuldade momentânea o isolamento.

A respeito da existência de agres as discussões, a maioria dos casais (5 agredem mutuamente e/ou falam pa mas apenas verbalmente. As agress foram mencionadas somente por entrevistados de classe média, 67% entre eles e seus cônjuges, em con baixa. As diferenças no relato de pai no que tange às reações dos cônju são mostradas na Figura 5.

Os entrevistados acreditam que sempre/eternamente (54%), por mu tempo (4%), ou se estenderão, caso



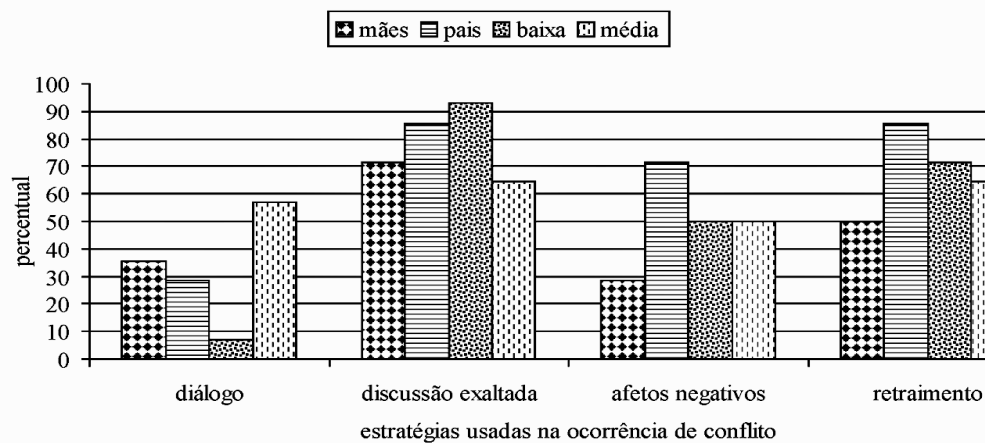


Figura 5. Reações dos cônjuges durante o conflito conjugal, segundo o relato de mães e pais de classes baixa e média.

ambos mantenham o mesmo tipo de relacionamento presente (11%). Entretanto, 18% dos entrevistados, a maioria deles de classe baixa, não souberam precisar o tempo que seus casamentos durariam. É interessante destacar que a durabilidade eterna do casamento foi mais relatada por cônjuges de classe média que de classe baixa e mais por mães que por pais.

Qual é a concepção de casamento para os cônjuges?

Todos os cônjuges acreditam que o casamento seja uma união ou uma relação entre duas pessoas. Quarenta e dois por cento (42%) dos entrevistados justificam esta união pelo objetivo de constituir uma família e ter filhos em comum. A esta idéia de casamento, eles associam outros fatores relativos à qualidade da relação como: trocas afetivas (43%), similaridade (43%), compromisso (36%), negociação e equilíbrio nas concessões mútuas (36%), intimidade (21%), durabilidade (18%), submissão ao outro (7%), presença de conflitos (7%) e admiração pelo outro (4%). Os pais definiram o casamento pelas trocas afetivas (50%), similaridade (50%), negociação e equilíbrio nas concessões mútuas (43%) e pelo compromisso (43%), enquanto as mães enfatizaram as trocas afetivas (36%) e a similaridade (36%). Para os integrantes da classe média, o significado do casamento está associado, principalmente, à similaridade (64%), à capacidade de negociação (50%), ao compromisso (43%) e às trocas afetivas (43%). Para os cônjuges de classe baixa, as trocas afetivas (43%) constituem o principal aspecto relacionado à idéia de casamento.

destacadas: a flexibilidade (18%), a perseverança (18%), a capacidade de perdoar (7%) e a capacidade de inovar e mudar (7%). Para a maioria dos casais de classe média, o sucesso do casamento está baseado em negociações mútuas e na intimidade.

O que faz um casamento ser mal-sucedido ou levar ao insucesso e o término do casamento foram associadas a várias dimensões das relações conjugais (96%), do indivíduo (14%) e do sistema familiar (14%). A ausência de negociação (57%), de similaridade (57%), de fidelidade (32%), de trocas afetivas (21%), de respeito (21%) e de liberdade (7%) são aspectos que levam ao fracasso e ao término das relações conjugais, com os entrevistados. Já dentre as características que levam ao sucesso: inflexibilidade (43%), ser desonesto e mentiroso (43%), falta de equilíbrio (4%) e cultivar vícios (4%). Aspectos do sistema familiar, como falta de equilíbrio entre as relações de amizade e de trabalho e a família (21%), a falta de estabilidade (21%), conflitos e desavenças com a família de origem (21%) também foram mencionados. Os casais pertencentes à classe média acreditam que a falta de similaridade (79%) e a falta de negociação (50%) em comum e a ausência de negociação (71%) são os principais aspectos que levam ao fracasso e ao término do casamento. Para os casais de classe baixa, a incapacidade de negociar (43%) e a presença de agressões físicas e verbais (43%) constituem os principais fatores que levam ao término do casamento.

filho, quando o marido vai trabalhar, a gente fica sozinha e quando já tem filho, fica com os filhos em casa. Porque quando a gente fica só os dois e quando tem filho, aí, fica o pai, a mãe e os filhos juntos. É bem melhor. (mãe de classe pobre)

Se for considerar interferência, considero como positiva, porque eles traduzem um presente, muita felicidade, muita alegria e eles completam a nossa felicidade. (mãe de classe média)

Veja bem, eu acho que, muitas vezes, a mulher, ela... até eu acho que ela tem um certo ciúmes, né? Que, muitas vezes, o marido dá mais atenção aos filhos do que à própria esposa... Então, interfere, muitas vezes, é isso aí. Que ela é ciumenta até com os filhos, comigo e tal, mas a gente releva isso aí e vai levando. (pai de classe baixa)

... Às vezes, sim, mas num interferem que eu digo assim, às vezes, eles é... às vezes, tem que dar mais atenção, esquece mais o nosso lado de casal pra dar mais atenção pra eles como filhos, no relacionamento dos pais com os filhos, mas... (pai de classe média)

Dentre os cônjuges que relataram sofrer interferências negativas, 71% compartilhavam da idéia de que deveriam adotar estratégias para manter a privacidade do casal e para equilibrar a atenção entre o cônjuge e os filhos, em contraposição a 27% que achavam que não poderiam fazer nada, pois os filhos ainda eram pequenos e necessitavam da atenção dos genitores. A maioria dos genitores de classe média (71%) relatou sofrer interferência dos filhos na relação marital, tanto positiva (40%) como negativa (60%). No entanto, para a maioria dos cônjuges de classe baixa (64%) não existia influência dos filhos em seus casamentos e, dos que percebiam a interferência filial (36%), somente um pai a classificou negativamente. A interferência dos filhos é percebida por mães (50%) e pais (57%) de modo diferente. Enquanto a maioria das mães percebe a interferência como positiva, para os pais ela é negativa.

O relacionamento do casal interfere nas relações parentais?

A maioria dos cônjuges (86%) acreditava que as suas relações maritais influenciavam o seu relacionamento com os filhos, tanto de forma direta, como indireta. A influência direta ocorria de quatro formas: a) através das práticas educativas utilizadas pelos genitores com seus filhos (54%); b) pela transmissão de amor e segurança aos filhos, quando a relação conjugal era boa (27%); c) no engajamento conjunto em atividades de educação e cuidado dos filhos, quando predominava o bom relacionamento marital

e segurança aos filhos e influenciava de maneira negativa, particularmente no que tange às práticas educativas.

... Eu acho o seguinte, se você tem um filho, tudo flui, tudo flui, cê não sente falta de apoio, então, isso aí, deixa a mulher mais tranquila, você não fica agressiva com os filhos, o marido, cê tando bem com o marido, bem com todo mundo, mas se você não tem filho, ruim com todo mundo, às vezes, você fica na frente, né? (mãe de classe média)

... Melhora. Melhora no educar os filhos. Ah, ajuda que, às vezes, eu faço algo sozinho. A G. diz: 'Não, num é assim, tem que ajudar. (pai de classe baixa)

Os casais estão satisfeitos com sua vida familiar?

A maioria dos cônjuges está satisfeita com sua vida familiar, com seus outros filhos (96%) e com seus cônjuges. Os cônjuges de classe baixa (27%) relataram que a vida em família que os de classe média e alta relataram. Os genitores de classe média com a criação dos filhos das características emocionais (64%) e físicas (79%) e as características físicas e emocionais da criança são mais importantes.

Os cônjuges insatisfeitos com a vida familiar relataram falta de estabilidade financeira (11%), problemas com parentes consanguíneos ou pelo excesso de filhos do cônjuge (7%), ou, ainda, por não terem filhos (4%). A insatisfação relativa à criação dos filhos associada a características dos pais, como preocupação com o bem-estar dos filhos e problemas pessoais em lidar com os próprios filhos.

Discussão

As famílias de ambas as classes sociais relataram diferenças, mas, sobretudo, diferenças quanto ao desenvolvimento dos filhos, às relações conjugais, de acordo com o relato dos pais.

a educação formal, o respeito e os valores morais. Tais orientações distintas sobre o que deve ser ensinado às crianças são coerentes com a literatura e dependem do *status* social e do que é esperado dos filhos no futuro (Kohn, 1979; Luster, Rhoades & Haas, 1989; Tudge & cols., 1999).

Os pais desempenham diferentes papéis em função do contexto cultural no qual estão inseridos e estes papéis são multidimensionais e complexos. Segundo Lewis e Dessen (1999), o pai tradicional é aquele que centra suas atividades no mundo do trabalho, havendo pouco engajamento no cuidado dos filhos; o pai moderno está envolvido no desenvolvimento dos filhos, mas enfatiza o papel sexual, o desempenho acadêmico e o desenvolvimento moral; e o pai emergente é aquele que compartilha de forma mais igualitária as tarefas de cuidados dos filhos. Os dados relativos à divisão de trabalho doméstico, aos valores enfatizados pelos pais na educação de suas crianças e às idéias que os genitores têm sobre um pai ideal nos levam a crer que o perfil do pai presente nas famílias deste estudo é um misto do pai tradicional com o pai moderno, ainda não tendo sido absorvidas as características do pai emergente.

Os dados a respeito do pai e mãe ideais refletem a concepção tradicional dos papéis de mãe e pai em nossa cultura, que ainda perduram, apesar das grandes transformações sofridas na sociedade e nas famílias brasileiras, nas últimas décadas (Dessen & Torres, 2002). No entanto, as diferenças nos relatos de pais e mães quanto aos valores a serem transmitidos aos filhos, ao emprego de estratégias de socialização, ao que seria uma educação adequada e inadequada, dentre outros, denotam um movimento em direção às transformações do papel paterno, conforme sugerido por Lewis e Dessen (1999), embora as mães continuem contribuindo para a manutenção dos mesmos. Portanto, é necessário que outras pesquisas investiguem as diferenças nos papéis de mães e pais brasileiros levando em consideração as diferentes classes sociais e as diferentes regiões brasileiras, dada a sua diversidade cultural (Dessen & Torres, 2002).

A maioria dos casais estava satisfeita com sua relação conjugal, sendo ambos, o marido e a esposa, os principais responsáveis pela satisfação ou insatisfação no casamento. Entretanto, havia mais cônjuges de classe média satisfeitos que de classe baixa, o que é consistente com a literatura (Berscheid, 1994; Berscheid & Reis, 1998; Fletcher, Simpson, Thomas & Giles, 1999; Gottman, 1993, 1998; Hinde, 1997), que afirma que os casais de classe média tendem a idealizar mais o seu casamento. Além disso, os valores associados ao casamento, diferentes em ambas as classes sociais, também conduzem

funcionamento das relações conjugais ao outro. Assim, não está suficientemente bom e agradável. A 'responsabilidade' do outro parceiro e não sua. E as idéias de Hinde (1997) e de Gottman e Silver (1999) e sentimentos negativos recíprocos são comuns. mas, nos relacionamentos infelizes, eles são a o dominam os sentimentos e pensamentos. Segundo Gottman, os casais insatisfeitos consideram um traço negativo como característica de seus parceiros. os felizes consideram os traços positivos como parceiros.

Para os casais, os aspectos positivos da intimidade, as trocas afetivas, o compromisso e o envolvimento na relação conjugal, a negociação, concessões mútuas, a similaridade de objetivos, e práticas, a ausência de conflitos, brigas e ciúmes nas relações sexuais. Os cônjuges, independente de gênero, têm uma visão similar acerca do que pode levar a serem bem ou mal sucedidas, isto é, presença de negociação e de similaridade, respectivamente. sustenta um casamento satisfatório é a capacidade de entrarem em acordo e cederem diante de situações. também, o fato de eles possuírem características em comum. Os dados são coerentes com aqueles obtidos por Gottman e Silver (1999). No entanto, há diferenças sociais, quanto aos valores atribuídos ao casamento. casais de classe baixa tendem a valorizar mais a família como o fator preponderante de um casamento. de classe média tendem a valorizar, primeiramente, a relação conjugal, demonstrando absorver mais a respeito do conceito de família e casamento (Gottman & Buffett, 1996; Petzold, 1996).

A maioria dos cônjuges acredita que o funcionamento das relações conjugais é influenciado pelo fato de os filhos interferirem em suas relações maritais. salientado pela literatura (Belsky, 1984; Bigras & McMahon, 1984; Collins, Maccoby, Steinberg, Bornstein, 2000; Deal & cols., 1999; Gottman & Silver, 1999; Kreppner, 1995, 2000; Hinde, 1997). Portanto, é fundamental que os pesquisadores, na implementação de seus estudos, considerem a interdependência entre os membros familiares.

- Berscheid, E. (1994). Interpersonal relationships. *Annual Review of Psychology*, 45, 79-129.
- Berscheid, E. & Reis, H. T. (1998). Attraction and close relationships. Em D. T. Gilbert, S. T. Fiske & G. Lindzey (Orgs.), *The handbook of social psychology* (Vol. II; pp. 193-281). New York: Oxford University Press.
- Bigras, M. & Paquette, D. (2000). L'Interdépendance entre les sous-systèmes conjugal et parental: Une analyse personne-processus-contexte. *Psychologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 91-102.
- Bond, C. R. & McMahon, R. J. (1984). Relationships between marital distress and child behavior problems, maternal personal adjustment, maternal personality, and maternal parenting behavior. *Journal of Abnormal Psychology*, 93, 348-351.
- Braz, M. P. (2002). *As relações conjugais e parentais de famílias com crianças pré-escolares: Uma comparação do relato de pais e mães de classes sociais baixa e média*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Brasília, DF.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. Em S. L. Friedman & T. D. Wachs (Orgs.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp. 3-28). Washington, DC: American Psychological Association.
- Brody, G. H., Pellegrini, A. D. & Sigel, I. E. (1986). Marital quality and mother-child and father-child interactions with school-aged children. *Developmental Psychology*, 22, 291-296.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar (M. A. V. Veronese, Trad.). Em B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar* (pp. 7-29). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1980)
- Collins, W. A., Maccoby, E. E., Steinberg, L., Hetherington, E. M. & Bornstein, M. H. (2000). Contemporary research on parenting: The case for nature and nurture. *American Psychologist*, 55, 218-232.
- Cox, M. J., Owen, M. T., Lewis, J. M. & Henderson, V. K. (1989). Marriage, adult adjustment, and early parenting. *Child Development*, 60, 1015-1024.
- Deal, J. E., Hagan, M. S., Bass, B., Hetherington, E. M. & Clingempeel, G. (1999). Marital interaction in dyadic and triadic contexts: Continuities and discontinuities. *Family Process*, 38, 105-115.
- Dessen, M. A. (1999). *Questionário de caracterização do sistema familiar*. Manuscrito não-publicado, Laboratório de Desenvolvimento Familiar, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Brasília, DF.
- Dessen, M. A. & Torres, C. V. (2002). Family and socialization factors in Brazil: An overview. Em W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes & D. N. Sattler (Orgs.), *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 13, Chapter 2), (<http://www.nyu.edu/~culture/>), Center for Cross-Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Washington, USA.
- Emery, R. E. (1982). Interparental conflict and the children of discord and divorce. *Psychological Bulletin*, 92, 310-330.
- Emery, R. E., Fincham, S. D. & Cummings, E. M. (1992). Parenting in context: Systematic thinking about parental conflict and its influence on children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 60, 909-912.
- Erel, O. & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118, 108-132.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 379-394.
- Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A., Thomas, G. & Giles, L. (1999). Ideals in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 72-89.
- Goldberg, W. A. & Easterbrooks, M. A. (1984). The role of marital quality in toddler development. *Developmental Psychology*, 20, 504-514.
- Gottman, J. M. & Levenson, R. W. (1992). Marital interaction during marital dissolution: Behavior, physiology, and affect. *Psychology*, 63, 221-233.
- Gottman, J. M. & Silver, N. (1999). *Sete princípios para o sucesso no casamento*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Grych, J. H. & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and child development: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, 109, 281-302.
- Heavey, C. L., Shenk, J. L. & Christensen, A. (1999). The role of marital quality in developmental family psychology perspectives. *Journal of Developmental Psychology*, 20, 1-15.
- Hinde, R. A. (1997). *Relationships: A dialectical approach*. London: Routledge.
- Hodkin, B., Vacheresse, A. & Buffett, S. (1995). Issues in assessing perceived family risk. *Research on Family: Resources and Needs*. Edicioni Universitarie.
- Kohn, M. L. (1979). The effects of social class on child development. Em D. Reiss & H. A. Hoffman (Orgs.), *The effects of social class on child development* (pp. 45-68). New York: Plenum Press.
- Kreppner, K. (1995). Padrões comportamentais de pais e mães de crianças de 0 a 6 anos. Em J. Gomes-Pedro & M. F. Patrocinio (Orgs.), *Na viragem do século* (pp. 431-463). Lisboa: Edições 70.
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: A developmental perspective. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 1-15.
- Kreppner, K. & Ullrich, M. (1998). Talk to me: The role of communication in child development. Em M. Hofer, P. Noack & J. Ullrich (Orgs.), *Development in families with adolescents* (pp. 1-15). New York: Wiley & Sons.
- Lee, C. M. & Godlib, I. H. (1994). Mental health and family relationships. *Psychological Bulletin*, 115, 263-283.
- Lewis, C. & Dessen, M. A. (1999). O pai e a mãe: O papel da família. *Psicologia*, 15, 9-16.
- Luster, T., Rhoades, K. & Haas, B. (1989). The role of marital quality in parenting behavior: A test of the Kohn model. *Family Process*, 28, 139-147.
- Petzold, M. (1996). The psychological definition of family. Em M. A. Dessen (Org.), *Research on family: Resources and Needs*. Edicioni Universitarie.
- Radke-Yarrow, M., Richters, J. & Wilson, M. (1990). The role of marital quality in network of relationships. Em R. H. Berman & J. H. Grych (Orgs.), *Relationships within families: Mutual influences*. New York: Plenum Press.
- Romanelli, G. (1998). O relacionamento entre pais e filhos: O papel da família e das mídias. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 8, 1-15.
- Simionato-Tozo, S. M. P. & Biasoli-Alves, Z. (2002). O papel da família e das mídias nas relações do casal com o nascimento de uma criança. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 12, 1-15.
- Siqueira, R. C., Ribeiro, M. B. & Duarte, W. (2002). O papel da família e das mídias nas relações do casal com o nascimento de uma criança. *Anais do II Encontro de Psicologia Clínica* (pp. 311-317). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Sroufe, L. A. & Fleeson, J. (1988). The coherence of relationships. Em R. H. Berman & J. H. Grych (Orgs.), *Relationships within families: Mutual influences* (pp. 27-47). Oxford: Oxford University Press.
- Tedesco, J., Hecox, D. & Lee, S. (1999). The role of marital quality in child development. *Developmental Psychology*, 35, 504-514.